



---

**PEDAGOGIA DO OPRIMIDO:  
50 ANOS DE RESISTÊNCIA**

---

PEDAGOGY OF THE OPPRESSED:  
50 YEARS OF RESISTANCE

---

PEDAGOGÍA DEL OPRIMIDO:  
50 AÑOS DE RESISTENCIA

---

Em boa hora, a revista **Educação em perspectiva**, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa (UFV) propõe o dossiê **Pedagogia do Oprimido: 50 Anos de Resistência** em comemoração ao cinquentenário da obra de autoria de Paulo Freire, cuja escrita foi concluída em 1968<sup>i</sup>, em Santiago.

Como é sobejamente conhecido, Paulo Freire escreveu **Pedagogia do oprimido** nos primeiros anos de seu longo exílio, quando ainda se encontrava no Chile, portanto, antes de ir para Harvard, onde passaria pouco menos de um ano, e para Genebra, na Suíça, onde ficaria até o final de seu banimento do Brasil.

Voltou à terra natal em junho 1980, com um passaporte obtido por mandato de segurança, pois as autoridades consulares brasileiras negaram-lhe o documento nas diversas tentativas que fizera em diferentes países.



**Figura 1.** O sonhado passaporte

Fonte: Brandão (2005 - Acervo Paulo Freire)<sup>ii</sup>

---

**Submetido em:** 14/10/2018 – **Publicado em:** 15/01/2019

Retornando ao Brasil, não conseguiu, porém, ser reconduzido à função de professor na Universidade Federal do Pernambuco, onde conquistara, ainda na década de 1960, uma vaga docente, na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife. Instalou-se em São Paulo, trabalhando, a partir daí, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)<sup>iii</sup> e, logo em seguida, na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), até seu falecimento em maio de 1997.

Ainda no Chile, depois de **Educação como prática da liberdade** (1967), na qual retomara **Educação e atualidade brasileira** (1959) – texto escrito para a prova de concurso a uma vaga na Escola de Belas Artes da Universidade de Recife (mais tarde incorporada à UFPE) – escreveu **Pedagogia do oprimido**, concluindo o texto em 1968. Ofereceu o manuscrito ao ex-ministro da Agricultura de Salvador Allende, Jacques Chonchol, que o recebera no Chile, em 1964, quando dirigia o *Instituto de Desarrollo Agropecuario* (INDAP).

Da conclusão do texto até sua publicação em 1970, muita coisa aconteceu com os originais. Esta trajetória e a consagração de **Pedagogia do oprimido** como uma das mais importantes obras do pensamento pedagógico mundial no século XX são analisadas no texto “**O Manuscrito e as Edições da Pedagogia do Oprimido**” que abre esse dossiê. Nele, José Eustáquio Romão e Natatcha Priscilla Romão reconstituem as aventuras do manuscrito de **Pedagogia do oprimido** e tentam atualizar o levantamento sobre as edições da obra ao redor do Planeta.

O segundo texto desse dossiê “**Algumas fontes cristãs que inspiraram a concepção de mundo e de ação em Paulo Freire**” foi escrito pelos pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa, César Luiz De Mari, Edgar Pereira Coelho e Arthur Meucci, que foram buscar as fontes de que se valeu Paulo Freire para inspirar sua escrita da obra, em um contexto de profunda influência de uma espécie de “catolicismo social”, que seria precursor da Teologia da Libertação na América Latina. Ainda mais que, quando concebeu o livro, trabalhava no INDAP, dirigido por um dos intelectuais que se convertera a esse tipo de catolicismo, inspirado em pensadores neotomistas, como Jacques Maritain, e de um governo democrata-cristão do Presidente Eduardo Frei. O desvendamento desses referenciais a que recorreu Paulo Freire ajuda a perceber sua aproximação das correntes dialéticas, que aparecem claramente na obra, sem perder a espiritualidade também manifesta em passagens mais sutis e implícitas na sua solidariedade para com os oprimidos e oprimidas.

É evidente que a obra se impôs mundialmente e continua sendo buscada até hoje por sua força epistemológica-política e por sua atualidade sempre presente. Desse modo, a coordenação do dossiê pediu a Moacir Gadotti e seus companheiros mais chegados do Instituto Paulo Freire, Angela Biz Antunes e Paulo Roberto Padilha, que escolhessem e

discorressem sobre 3 (três) conceitos ou categorias que consideram mais importantes do texto. Ninguém melhor do que quem conviveu com Paulo Freire e acompanhou sua marcha de lutas educacionais e pedagógicas – e vem acompanhando, por meio do abrigo e cuidado com seu legado – para identificar, para o leitor e para a leitora desse periódico científico, o que de mais importante pode-se ser extraído desse livro seminal para o enfrentamento das questões educacionais e pedagógicas dos dias de hoje. Assim, o trio de autores escolheu os termos “diálogo” “liberdade” e “oprimido”, fazendo verdadeira lição de abismo sobre os conceitos a eles referentes. Para melhor presentear os leitores e leitoras, os autores complementam o texto com considerações sobre a atualidade da **Pedagogia do oprimido** no artigo “**Três categorias que marcaram a Pedagogia do Oprimido**”.

Uma pesquisadora da semiótica e um pesquisador da literatura – e ambos sempre buscando as relações dessas temáticas com a educação e com o pensamento pedagógico freiriano – foram convidados para dissecarem a prosa poética de Paulo Freire. O educador pernambucano chegou a se arriscar na poesia propriamente dita, mas de modo esporádico e incidental. Contudo, é na prosa que ele investe o melhor de sua veia poética, “encharcando” os conceitos de metáforas e de outras figuras de linguagem, mas perfeitamente apropriadas e oportunas para a escrita científica. Ana Maria Haddad Baptista e Maurício Pedro da Silva brindam-nos, também, com um texto ao mesmo tempo hermenêutico e poético em “**A Prosa Poética de Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido**”.

Antonio Joaquim Severino dispensa apresentações como um dos mais importantes baluartes da defesa da Filosofia da Educação no País. Juntamente com Adriano Salmar Nogueira e Taveira também filósofo da educação, a quem Paulo Freire tanto prezara em vida – e Natatcha Priscilla Romão – mestra em psicologia e doutoranda em Educação sob sua orientação, Severino propõe os fundamentos ontológicos e epistemológicos que emergem na obra máxima de Freire. Nenhuma formulação pedagógica se dá no ar, mas sempre sobre uma base ontológica (teoria sobre o ser humano) e epistemológica (teoria sobre como o ser humano cria conhecimentos). Por isso, o texto “**Ontologia, epistemologia e axiologia em Pedagogia do Oprimido**” desse trio de leitores de Freire em profundidade, nos ajuda a compreender os substratos ontológico-epistemológicos de **Pedagogia do oprimido**.

Luíza Cortesão e Eunice Macedo, do Instituto Paulo Freire de Portugal, aparentemente, fogem da homenagem ao cinquentenário de Pedagogia do oprimido, uma vez que se debruçam sobre outra obra de Freire: **Pedagogia esperança** (1992). Ocorre que o próprio autor de ambos os livros sempre recomendava que não se repetissem as ideias, mas que, aquelas que tivessem algum valor, fossem reinventadas em cada contexto. Ele mesmo deu o exemplo, chegando a alertar o leitor que **Pedagogia da esperança** é a **Pedagogia do oprimido** na última década do século XX. Para tanto, subintitulou-a **Um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. É sobre essa reinvenção de sua obra seminal que Paulo Freire

destaca a atualidade de **Pedagogia do oprimido**. Aliás, devemos sempre duvidar de obras que se pretendem eternamente atuais e trazem em seus títulos a insistência sobre essa atualidade. A obra sempre atual, a obra-prima, dispensa tais qualificações, porque ela será sempre atual no movimento dialético de sua reinvenção, pelos que nela se inspiram, em cada novo contexto. E a atualidade de uma obra, seja ela resultado de uma intervenção prática ou de uma especulação, estará sempre na dependência do coletivo. Em Juiz de Fora (MG, Brasil), ao falar para jornalistas, pouco antes de falecer, Paulo Freire insistia nas respostas: “Não vou responder diretamente à suas perguntas, mas vou falar da contingência do indivíduo e da transcendência do coletivo”. É isto: Quando reinventada em cada diferente contexto, qualquer grande obra ganha vida e responde ao novo contexto com adequação e oportunidade histórica.

Luíza e Eunice produziram dois artigos que nos revelam a reinvenção e atualização de **Pedagogia do oprimido**. Luíza Cortesão se debruça com minuciosa e percuciente análise sobre as duas obras **Pedagogia do oprimido** e **Pedagogia da esperança**, examinando o reencontro de Paulo Freire com a própria obra, 24 anos depois, no manuscrito “**Outro reencontro com a Pedagogia do Oprimido e a Pedagogia da Esperança**”. Enquanto Eunice Macedo e Alexandra Carvalho, com as lentes da interculturalidade, examinam os significados e os impactos profundos de **Pedagogia do oprimido**, nas práticas e nas reinvenções do legado de Paulo Freire por seus seguidores, no artigo “**Intertextualidade em Freire: Pedagogia da Esperança ao encontro da Pedagogia do Oprimido, continuidades e pensamento novo**”.

Com o artigo “**Pedagogia do oprimido (1968-2018): da revolução ao reencontro da esperança**”<sup>iv</sup>, o Professor Doutor Afonso Celso Scocuglia, faz uma abordagem *sui generis* de **Pedagogia do oprimido**, sublinhando que sua compreensão mais profunda só pode ser apreendida a partir da leitura de outras obras de Freire, que a precederam, como **Educação como prática da liberdade** (1967), e que a sucederam, como **Pedagogia da esperança** (1992). Scocuglia tem se destacado como um dos mais importantes historiadores das ideias do primeiro Freire e, nesse texto, se supera, ao fazer uma leitura “compreensiva” e explicativa” da obra principal de Paulo Freire, no sentido que Lucien Goldmann conferiu aos termos “compreensão” e “explicação” como passos do conhecimento científico.

Finalmente, mas não menos importante, a Professora Dra. Cleide Rita Silvério de Almeida, que dirigiu por mais de uma década o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho, tendo trabalhado, mais tempo ainda, na mesma área na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), nos oferece o texto “**Refugiados: a nova face do oprimido na educação**”, muito importante para os dias atuais, considerando que os deslocamentos demográficos por conta de guerras, perseguições políticas etc. – aliás, de que o próprio Paulo Freire foi vítima nas décadas de 1960 a 1980 –, têm provocado o

sofrimento de muitos refugiados. Nada mais apropriado, portanto, neste caso, do que a utilização das categorias teóricas de Freire para iluminar um pouco mais uma questão humana tão candente, pois, ninguém é mais oprimido, do que sentir-se fora de seu país e sem as condições mínimas de sobrevivência, além de escorraçado, na maioria das vezes, nos territórios em que busca refúgio.

Temos a convicção de que o(a) leitor(a) desse dossiê será brindado com um conjunto de reflexões dos mais renomados pensadores que estiveram sempre muito próximos a Freire e dele absorveram o que havia de mais importante em sua obra axial, **Pedagogia do oprimido**, esta jovem de 50 anos de idade.

São Paulo, outono de 2018.

*José Eustáquio Romão<sup>2</sup>*

## NOTAS

<sup>i</sup> Na dedicatória que fez do manuscrito a Jacques Chonchol e Maria Edy, registrou “Santiago primavera 68”.

<sup>ii</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, educar para transformar**. São Paulo: Mercado Cultural, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/8eoV4k>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

<sup>iii</sup> Na oportunidade de seu ingresso na Unicamp, o relator do parecer sobre sua aceitação na Universidade foi Rubem Alves que, jocosa e profundamente, redigiu um “anti-parecer”, no qual, depois de fazer considerações sobre as dificuldades de se fazer um parecer sobre pessoas sobejamente conhecidas em determinado campo das atividades humanas, concluiu: “Paulo Freire atingiu o ponto máximo que um educador pode atingir. A questão não é se desejamos tê-lo conosco. A questão é se ele deseja trabalhar ao nosso lado. É bom dizer aos amigos: ‘- Paulo Freire é meu colega. Temos salas no mesmo corredor da Faculdade de Educação da Unicamp...’ Era o que me cumpria a dizer. Campinas, 25 de maio de 1985. Rubem Azevedo Alves - Professor Titular”.

<sup>iv</sup> Texto aprovado e apresentado na mesa redonda “Um reencontro com a **Pedagogia do oprimido**”, no Congresso Internacional “Celebrando Paulo Freire – 50 Anos Depois da **Pedagogia do oprimido**”, realizado pelo Instituto Paulo Freire de Portugal, na Universidade do Porto em 11 de julho de 2018.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Diretor Fundador do Instituto Paulo Freire, Professor e Diretor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho. E-mail: [jer@terra.com.br](mailto:jer@terra.com.br) – ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9276-0039>